

Lúcio Costa: Não são graves e têm solução problemas de Brasília

BRASÍLIA (O GLOBO) — “Os problemas de Brasília não são graves; são pequenos problemas, que provocam certas situações inconvenientíssimas, mas corrigíveis”, disse ontem o autor do Plano-Piloto da cidade, urbanista Lúcio Costa, que veio a Brasília, depois de 12 anos de ausência, participar do I Seminário dos Problemas Urbanos de Brasília.

NO SEU entender, as deturpações do plano-piloto não constituem problemas de solução tão difícil.

— Tenho a impressão de que dramatizam um pouco quando falam em problemas graves e insolúveis. Acho que são pequenos problemas, que às vezes avultam e dão a impressão de que a cidade precisa ser reformulada. Mas não é tanto assim.

A abertura do Seminário, no plenário do Senado, reuniu cerca de duas mil pessoas interessadas em ouvir Lúcio Costa e que ocuparam também as galerias. A maioria era formada por professores universitários, arquitetos e funcionários do Governo do Distrito Federal. Estava presente o Governador do Distrito Federal, Elmo Serejo.

Lúcio Costa disse que considerava estranha a sensação de que uma simples idéia de sua cabeça se transformasse “nessa coisa enorme, densa, viva, que é a Brasília de hoje”.

Assinalou que o Seminário promovido pela Comissão do Distrito Federal, do Senado, para debater os problemas futuros de Brasília, “deve ter presente o que foi a realização desta obra gigantesca e fundamental para o País, sem o que haverá sempre o risco de proposições improvisadas e capazes de desvirtuar as idéias fundamentais que orientaram o nascimento da cidade”.

Ele lembrou as características fundamentais das concepções de Brasília, a primeira das quais o fato de o centro administrativo não estar no centro da cidade propriamente dito.

— O que caracteriza Brasília — adiantou — é que esse centro administrativo foi levado ao extremo da composição urbanística da cidade. Assim, na Praça dos Três Poderes, esses três poderes da democracia são como que oferecidos ao povo, na extremidade, como na palma da mão de um braço estendido, a Esplanada dos Ministérios.

Sua idéia era fazer com que a natureza do cerrado viesse ao encontro do arrimo triangular da Praça.

— Esse contato direto do triângulo com o cerrado, no meu espírito, significaria o contato com essa massa de povo sofrido que é o alicerce da Nação.



No plenário do Senado, Lúcio Costa falou abrindo os trabalhos do I Seminário de Brasília

Afirmou que o problema atual consiste em compor um fundo para a Praça dos Três Poderes, porque a vegetação que plantaram lá não é satisfatória.

— Sugiro que se plante o pinheiro do Paraná, que tem uma copa muito bonita e que se vai somando como os pinheiros de Roma, com aquele verde escuro formando um belo contraste com os edifícios de mármore branco da Praça.

Convergência

Outra característica de Brasília a que ele se referiu é a convergência das rodovias para o centro urbano, ao contrário das cidades tradicionais, onde as estações rodoviárias ficam nas periferias, o que cria para os passageiros o problema de completarem o sistema viário urbano.

Lúcio Costa defende a manutenção do centro rodoviário no centro da cidade, apesar da tendência no sentido da criação de outras estações rodoviárias nas extremidades das duas alas.

— A idéia de que a estação rodoviária está ficando saturada não

corresponde inteiramente à realidade, porque ela está sendo utilizada para finalidades de outra natureza. Os ônibus estacionam lá indevidamente, abastecem-se e ficam como se estivessem numa garagem. Mas aquilo não é uma garagem, é uma estação rodoviária.

Ele entende que as quadras — outra característica de Brasília — deram bom resultado, “embora não tenham sido levadas à frente de uma forma inteiramente satisfatória”.

— É fundamental que nelas se evitem inovações como o gabarito mais alto, a pretexto de maior densidade, como ocorrerá certamente no futuro. Transformá-las em quarteirões com grandes edifícios em altura seria descaracterizar completamente a idéia fundamental de Brasília, que é criar áreas de vizinhança agradáveis, em que a pessoa se sinta, de fato, desprendida da área urbana.

Quadrado verde

Lúcio Costa disse que se sentiu chocado quando, ao se aproximar da cidade, não viu, da cabina do avião, nenhum quadrado verde. Imaginava, no início de Brasília, que as quadras densamente arborizadas dariam à

cidade um caráter completamente diferente.

— É fácil imaginar todas essas quadras cercadas de massa pesada, de vegetação de copa densa. Sugiro até que essa vegetação seja bem uniforme e proponho que seja unicamente ficus, uma árvore bonita, de folha mole e copa densa.

O urbanista repeliu a idéia de reformulação do plano-piloto. “O importante é criar condições para que ele alcance a plenitude da cidade e possa expandir-se, crescer e desenvolver-se.”

Declarou que o fato de as cidades-satélites comportarem 2/3 da população de Brasília representa naturalmente um desvirtuamento, mas não implica alteração do Plano-Piloto.

— O que deve ser feito é prever áreas adequadas para a expansão da cidade, de forma a impedir que ela se alongue e se instale ao longo das vias de conexão com as cidades-satélite. Isso seria um desastre e deve ser impedido de todos os modos. Sugiro, portanto, que as áreas que ligam a matriz às cidades-satélite sejam transformadas em áreas agrícolas, para evitar a ocupação indevida.

A atividade industrial ficaria do outro lado das cidades-satélite. Assim, a população dessas cidades, ao invés de viverem em função do centro da matriz se concentrariam nas atividades agrícolas e urbanas dos dois anéis, evitando que Brasília se torne um centro congestionado, como as cidades tradicionais.

Ele destacou a necessidade de prever áreas de expansão para a população que ocupa as quadras de Brasília.

— Mas não se deve antecipar a ocupação de qualquer outra área, enquanto a Asa Norte permanecer inacabada e com grandes vazios.

Rotas de ação

Ao falar na abertura do Seminário, o Presidente da Comissão do Distrito Federal, Senador Cateete Pinheiro, disse que o encontro “sugerirá opções que permitam aos governadores de Brasília traçarem novas e adequadas rotas de ação e oferecer ao legislador uma visão real dessa palpante questão, que não é só brasiliense, mas de todos os brasileiros”.

O Seminário prosseguirá amanhã, quando a exposição de Lúcio Costa será debatida por urbanistas, arquitetos, planejadores e representantes das comunidades.